

eduser

Resenha do livro *Escolas e Professores proteger, transformar, valorizar*, de autoria de António Nóvoa, com colaboração de Yara Alvim

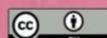
Review of the book *Escolas e Professores proteger, transformar, valorizar*, by António Nóvoa, in collaboration with Yara Alvim

LUCIANNA MAGRI DE MELO MUNHOZ, GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO

ISSN 1645-4774 | e-ISSN 2183-038X

<https://www.eduser.ipb.pt>

 **ipb** INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
Escola Superior de Educação



Resenha do livro *Escolas e Professores proteger, transformar, valorizar*, de autoria de António Nóvoa, com colaboração de Yara Alvim

Review of the book *Escolas e Professores proteger, transformar, valorizar*, by António Nóvoa, in collaboration with Yara Alvim

LUCIANNA MAGRI DE MELO MUNHOZ, GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO

¹ Universidade de Campinas (Unicamp), <https://orcid.org/0000-0002-6537-5597>, luciannamagri@gmail.com

² Universidade de Campinas (Unicamp), <https://orcid.org/0000-0002-2415-8369>, gvptoledo@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma resenha crítica a respeito do último livro de António Nóvoa publicado no Brasil, no ano de 2022. A obra foi escrita em colaboração com a professora Yara Alvim e tem como intenção suscitar a discussão sobre a formação de professores, que se tornou ainda mais urgente devido às novas demandas impostas pela pandemia do Coronavírus. A obra foi dividida em seis capítulos: os dois primeiros abordam a necessidade de reinvenção da escola, o terceiro versa sobre as dificuldades e soluções que os professores encontraram na pandemia e nos três últimos textos os autores apostam na importância da formação inicial e da continuada como resposta para as transformações almejadas. O modelo de formação proposto por eles sugere um terceiro espaço formativo que não é somente a universidade e nem somente a escola, mas uma casa comum, na qual a formação dos futuros professores e a formação de professores em exercício ocorram concomitantemente, com atenção especial ao momento do ingresso dos professores iniciantes em sala de aula, chamado de período de indução profissional. Tal modelo remete a projetos de formação de professores organizados por universidades, como o UniverCidade, da Universidade de Évora e o Complexo de Formação de Professores, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nos quais as relações entre todos os envolvidos – estudantes, escolas e universidade – acontecem de forma dialógica, horizontal e colaborativa.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores; Pandemia; Casa comum; Indução profissional.

ABSTRACT: The present work aims to present a critical review of the last book by António Nóvoa published in Brazil in the year of 2022. The book was written in collaboration with Professor Yara Alvim and aims to raise the discussion about the education of teachers, which has become even more urgent due to the new demands imposed by the Coronavirus pandemic. The work was divided into six chapters, the first two addressing the need to reinvent the school, the third about the difficulties and solutions that teachers found during the pandemic. In the last three texts, the authors bet on the importance of initial and continuing education as a response to the desired transformations. The training model proposed by them suggests a third training space that is not just the university and not just the school, but a common house, in which the training of future teachers and the training of in-service teachers occur concomitantly, giving special attention to the entry of beginning teachers into the classroom, during the so-called Professional Induction period. This model takes us back to teacher training projects such as UniverCidade, organized by the University of Évora, and Teacher Training Complex carried out by the Federal University of Rio de Janeiro, in which the relationships between all those involved, students, schools and universities take place in a dialogic, horizontal and collaborative way.

KEYWORDS: Teacher training, Pandemic, Common house, Professional induction.

É sempre com alegria e expectativa que aguardamos uma publicação do Prof. António Nóvoa. Em seu último livro publicado no Brasil, no ano de 2022, algumas características diferentes de seus trabalhos anteriores chamam a nossa atenção: primeiro, não é uma obra impressa – foi lançada apenas no formato digital (*e-book*) – e depois, não está à venda – o acesso e o *download* são gratuitos.

O livro foi escrito por Nóvoa com a colaboração da professora brasileira Yara Alvim. Logo em seguida à ficha catalográfica, ficamos cientes de que os autores cederam seus direitos autorais por um ano para o estado da Bahia.

Acreditamos que todas essas peculiaridades sejam por conta da urgência que Nóvoa, assim como outros pesquisadores, sentiu em dar uma resposta à educação brasileira durante a pandemia de Covid-19, causada pelo vírus Sars-CoV-2, a maior crise sanitária mundial da nossa época – como definiu a Organização Mundial da Saúde (OMS..., 2022). No ano de 2020 os dois autores já haviam escrito um artigo em conjunto para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em inglês: *“Nothing is new, but everything has changed: A viewpoint on the future school”*¹. E agora retomam a parceria.

Apesar de Nóvoa ser um autor bastante conhecido, vale uma breve apresentação, neste contexto, dos dois autores: António Sampaio Nóvoa, nascido em Valença, Portugal, no ano de 1954, é doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra, na Suíça (1986) e doutor em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Paris IV-Sorbonne, na França (2006). Atualmente é professor catedrático na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, onde foi reitor entre os anos de 2006 e 2013. Autor de mais de 150 publicações editadas em 12 países, entre livros, capítulos de livros e artigos, faz pesquisas sobre História e Psicologia da Educação e Formação de Professores. Em 2016 lançou candidatura independente à presidência de Portugal e obteve 23% dos votos. De 2018 a 2021 foi representante permanente da Unesco em Portugal. Yara Alvim é doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, com atuação nos cursos de Licenciatura em História e em Pedagogia. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de História (GRUPEH), cadastrado pelo Diretório do CNPq, e coordena o Ateliê de Narrativas – saberes e fazeres nas tramas do ensino de História.

Na apresentação do livro, os autores contam que ele foi dividido em seis capítulos e que dois deles (sem definir quais) foram escritos em parceria.

Os dois primeiros capítulos versam sobre a necessária transformação da instituição escolar. São textos que apresentam discussões em que Nóvoa, como nos últimos anos em seus artigos, problematiza a reorganização da arquitetura e da forma escolar, visto que o modelo tradicionalmente estabelecido atendeu a um tipo de sociedade, mas já se encontra ultrapassado, devido à conjuntura social contemporânea.

O terceiro capítulo é dedicado à crise atual. Os autores discutem algumas iniciativas próprias de governos, secretarias, escolas e professores que deram certo, por atenderem às necessidades locais, e outras que foram verdadeiros fracassos, mormente durante a pandemia, por darem respostas padronizadas e estandardizadas.

Já nos três últimos capítulos são feitas análises da situação atual da Educação e do papel dos professores nas mudanças reais que precisam ocorrer. Os autores reforçam a importância da formação inicial e da continuada como resposta para as transformações almejadas.

Algo que os leitores encontrarão em todo a obra – uma prática comum em outras obras do Nóvoa – são listas. Listas de princípios, de apontamentos, de equívocos, de soluções, ou seja, é um autor que adora os *top hits* das rádios – como as 10 mais ouvidas ou as 10 mais pedidas, por exemplo. Acontece de em um mesmo capítulo encontrarmos três *top hits* diferentes.

Vamos agora nos ater ao que nos chamou a atenção, dada a situação pandêmica vivida entre os anos de 2019 e 2021.

O capítulo “A Metamorfose da Escola” começa apresentando uma breve retrospectiva histórica da construção do modelo escolar na Europa a partir do século XIX, em resposta às demandas de uma nova sociedade – republicana, urbana, laica, industrial – que surgia: qualificar mão de obra, tirar as crianças das ruas e do trabalho infantil, preparar as futuras gerações para o mercado de trabalho e servir o exército. De modo geral, as escolas seguiram um certo modelo de estrutura física e organizacional: ocupavam um prédio

¹ Ver em <http://www.ie.ulisboa.pt/geral/artigo-de-antonio-novoa-sobre-futuro-da-educacao-prospect>s

próprio onde todos os espaços se organizavam a partir das salas de aula. Nessas classes as crianças sentavam em fileiras, voltadas para um quadro negro que os professores usavam para suas aulas expositivas. As aulas seguiam um programa definido, no qual os conhecimentos eram divididos em disciplinas, reforçados por lições e avaliados em provas escritas.

Hoje, no Brasil, o currículo para a educação básica ainda é dividido em disciplinas e turmas seriadas, inspirado no modelo descrito nesse capítulo. O professor Silvio Gallo, em recente entrevista, faz uma crítica à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que surgiu como uma oportunidade de reconfigurar o currículo, mas, ao contrário disso, segundo ele, “ela é um desastre para a educação brasileira” (Rachid, 2022, p. 1).

Esse modelo serviu para as necessidades da sociedade da época, e inclusive, pelo menos na Europa, cumpriu sua função de tirar as crianças da criminalidade e do trabalho infantil. Entretanto, o século XX trouxe grandes mudanças – não acompanhadas pela escola – em todos os setores da sociedade. A instituição chega ao século XXI completamente atrasada e desconectada das necessidades das futuras gerações. Para mostrar essa desconexão intergeracional, os autores, de modo oportuno, apresentam algumas das ideias do livro *Polegarzinha*, do filósofo francês Michel Serret (1930 – 2019). A obra tem esse nome porque Serret ficava impressionado com a velocidade com que os jovens digitam no celular usando o dedo polegar. Ele discute que as gerações que já nasceram imersas no mundo digital não pensam como as anteriores. Os autores trazem uma citação na qual ele diz que

estas crianças habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da tela, a leitura ou a escrita das mensagens através do polegar, a consulta da Wikipedia ou do Facebook não excitam os mesmos neurónios nem as mesmas zonas corticais que a utilização do livro, da ardósia ou do caderno. Estas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integram e não sintetizam como nós, os seus ascendentes. Elas não têm a mesma cabeça. (p. 11)

Para além do uso das novas tecnologias, Nóvoa e Alvim apresentam a questão da relação entre escola e trabalho, que tem nos sido posta nos últimos tempos, e para isso trazem alguns dados de um estudo feito em 2018 pelo *Institute for the Future*, que diz que 85% das profissões que nossos alunos terão em 2030 ainda não existem. Ou seja, estamos educando os jovens para um mundo profissional que ainda desconhecemos. Junto ao questionamento que o mercado de trabalho faz sobre a ineficácia da escola, ela, nos últimos anos, vem sendo cobrada de forma contundente pelos neurocientistas, pelos especialistas digitais e pelos defensores da inteligência artificial, grupos que apresentam soluções para sua transformação.

Mesmo não concordando com o modo como esses especialistas estão questionando a escola, com uma coisa os autores concordam: ela precisa se transformar. Desse jeito não poderá continuar. Para isso, apresentam algumas indicações feitas por John Dewey em 1897, no documento “Meu credo pedagógico”,¹ no qual o filósofo americano diz que as aprendizagens não devem se restringir unicamente ao ambiente escolar, a cidade e a família também podem participar da formação das futuras gerações; os prédios escolares não precisam se organizar em torno de salas de aula, podem ser ambientes diversificados, para estudo individual ou em pequenos grupos, com e sem professores; as crianças não precisam ser divididas por idade ou série, mas por projetos de interesses, e farão percursos formativos distintos; o professor não deve estar destinado a dar aula a uma única turma, deve ser responsável por acompanhar projetos dos grupos; o currículo não deve ser normativo e dividido por disciplinas, mas organizado a partir de grandes temas de investigação.

Para essa nova reorganização, os autores trazem as ideias do pesquisador russo-americano Mikhail Epstein (2012). A discussão apresentada é enriquecida pela proposta do pesquisador, que sugere que a universidade dê uma resposta para as demandas da sociedade atual e afirma que aquilo que serve para a escola serve para a Educação, portanto a função daquela não é ser um mercado de títulos, um supermercado intelectual, mas uma instituição humanista que tenha como propósito educar humanos por humanos – não se dispensa o uso das novas tecnologias, mas elas devem ser usadas por humanos para o bem da humanidade.

O capítulo “Nada é novo, mas tudo mudou: pensar a escola futura” começa com uma breve retrospectiva histórica, parecida com a do capítulo anterior, em que fica evidenciado o modelo escolar vigente

¹ Não encontramos o texto original na internet, mas há uma resenha em espanhol publicada pela Escuela de Teología, Filosofía y Humanidades na Revista Escritos da Universidad Pontificia Bolivariana. Ver em http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0120-12632014000200007&lng=e&nrm=iso&tlng=pt

– a consolidação da escola como instituição responsável pela educação das crianças e jovens – e a arquitetura escolar voltada para a pedagogia da lição e as salas de aula, nas quais o professor usa a lousa para falar para um grupo “homogêneo” de alunos. Seguindo a ideia dos *top hits*, listas enumeradas, os autores propõem um novo contrato entre escola e sociedade, que revogue todas essas prerrogativas de um modelo ultrapassado que já não respondia às demandas da sociedade moderna, o que dirá de uma sociedade pós-pandêmica.

Entendemos que a pandemia nos mostrou que é possível fazermos transformações em pouco espaço de tempo. E entre essas transformações, os autores indicam uma nova forma de pensar a Educação a partir do conceito de capilaridade educacional, no qual vários setores da sociedade são chamados para contribuir com a educação das crianças e dos jovens, como nas “Cidades das Crianças” do Tonucci, sobre as quais ele fala em entrevista de 2016 (Ribeiro, 2016). Outras sugestões são acabar com a ideia de turmas e séries homogêneas divididas por estudantes da mesma idade, valorizar a diversidade e, por último, defender o fim da pedagogia da lição e a implantação da pedagogia do trabalho, o que possibilitará uma diversidade de métodos e modalidades de estudo e trabalho.

O capítulo “Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola” apresenta as questões advindas da pandemia e como as escolas responderam às novas demandas que surgiram. Os autores afirmam que em nível de sistemas de ensino, tanto por parte de ministros quanto de secretarias de educação pelo mundo, as respostas foram frágeis e inconsistentes, pois as redes ficaram à mercê de plataformas digitais privadas para disponibilizar as aulas e os materiais, e não conseguiram, em vários lugares, garantir o acesso à internet para os estudantes e seus familiares. Em contrapartida, em relação às escolas, houve respostas bem mais consistentes, pois os gestores conseguiram estabelecer canais de comunicação com as famílias e o apoio de autoridades locais, a fim de garantir para os estudantes o acesso às aulas remotas. Entretanto, os autores sustentam que as melhores respostas vieram dos professores que conseguiram se organizar de forma autônoma e colaborativa para incluir todos os alunos nos processos educativos possíveis.

É nesse capítulo que Nóvoa e Alvim nos chamam a atenção para três ilusões que a pandemia pode ter reforçado a respeito da Educação. A primeira, de que qualquer espaço pode garantir aprendizagens escolares; a segunda, de que não há necessidade de o ensino ser presencial e nem em prédio próprio, bastariam acesso à internet e bons tutores; e por último, a ilusão de que os conhecimentos pedagógicos dos professores podem ser substituídos pelo uso da inteligência artificial. Tanto é que no Brasil está cada vez mais forte o movimento do *Homescholling* – existe um projeto de lei tramitando na Câmara dos Deputados para aprovação dessa modalidade de ensino para as crianças no país (Berardo, 2019).

Em resposta a essas ilusões, os professores apresentam três condições, chamadas de movimentos, sugeridas por eles para a transformação do cenário educacional. Eles indicam três músicas clássicas, uma para cada movimento, e sugerem ao leitor que as ouçam para acompanhar a leitura. Vamos ver quais são os movimentos sugeridos pelos autores.

Primeiro movimento: Andante com moto – O papel dos professores na construção de um espaço público comum da educação. Para esse movimento foi sugerida a música “Andante con moto”¹ de Schubert, tocada por três instrumentos – piano, violoncelo e violino – e com aproximadamente 9 minutos de duração. Ela começa de modo calmo, quando cada instrumento tem a sua vez de se destacar, mas ao fim do quarto minuto entra em uma fase mais forte, acelerada, com todos eles em intensidade máxima, como uma efervescência, um apogeu, e ao final vai se acalmando novamente. Nóvoa e Alvim explicam que

tudo deve ser feito sem lançar as crianças na agitação dos tempos que correm. Por isso, quisemos que esta parte do texto fosse lida ao som de um *andante con moto*. Movimento, sim, mas ao ritmo humano, porque o tempo da escola é lento, precisa de um passo seguro, pausado. A escola só vale a pena se for diferente da sociedade. (p. 43)

Os movimentos da música são como se fossem os movimentos do professor que anda sozinho e se encontra com outros para produzirem belas coisas em comum juntos – aqui, a palavra comum é mesmo no sentido de comunidade e comunicação. Nóvoa e Alvim continuam:

chegamos, assim, à nossa primeira tese: para levantar este espaço público comum da educação são necessários construtores. Precisamos de professores que assumam plenamente esta missão. São eles

¹ Ouvir em <https://www.youtube.com/watch?v=in97WCGTz6Q>

que, em proximidade com as famílias, os poderes locais, as entidades públicas e privadas, podem construir as condições para uma capilaridade educativa baseada no comum e na convivialidade. (p. 42)

Eles então iniciam o Segundo movimento: Allegro moderato – O papel dos professores na criação de novos ambientes escolares. A música sugerida é “Sonata n.º 2 para violoncelo e piano”, de Heitor Villa-Lobos¹. É uma música alegre e vibrante, como devem ser os espaços educativos que recebem as crianças. Os autores dizem que sem o esforço da construção de novos espaços escolares a transformação da escola está destinada ao fracasso.

Eles dão como exemplo dessa nova arquitetura os prédios do projeto “Nave do Conhecimento”², da Prefeitura do Rio de Janeiro. São espaços destinados a democratizar o acesso ao universo digital em ambientes colaborativos e criativos. Oferecem oficinas, cursos e eventos relacionados à Informática Básica, à Economia Criativa, às Tecnologias da Informação, à Robótica e Programação, e ao Trabalho e Empreendedorismo.

Os professores discutem que essa nova forma de conceber as aprendizagens da escola envolve repensar a arquitetura, o tempo e o currículo, e uma boa imagem seriam espaços que se organizassem a partir dos conceitos de ateliê e laboratório. Eles afirmam que “no laboratório, trabalha-se em conjunto, estuda-se a realidade, resolvem-se problemas. No ateliê dá-se largas à expressão e à imaginação, cria-se, antecipa-se o futuro” (p. 45). Eles passam então para o terceiro movimento.

Terceiro movimento: Molto vivace – O papel dos professores na composição de uma pedagogia do encontro. A música indicada é “9.ª Sinfonia”, de Beethoven. Deixamos o *link* para uma interpretação da West-Eastern Divan Orchestra, fundada por Daniel Barenboim e Edward Said para juntar músicos de países do Oriente Médio³. A escolha dessa música foi feita por ser uma das primeiras obras a unir a voz humana a uma orquestra, e ela é um bom exemplo de diálogo e criação comum. Os professores então retomam a célebre pergunta feita ao filósofo francês Olivier Reboul em 1971: o que devemos ensinar? E a resposta de Reboul foi:

vale a pena ensinar tudo aquilo que une e que liberta. Por um lado, o que integra cada indivíduo, de um modo duradouro, numa comunidade tão vasta quanto possível. Por outro lado, o que nos dá a possibilidade de ir mais longe, através do conhecimento científico, artístico, literário.

A partir da resposta de Reboul os autores deixam alguns apontamentos, que dizem estar inacabados: 1 – A pedagogia é sempre uma relação humana; 2 – Não há ensino sem conhecimento; 3 – A pedagogia deve ser um gesto de procura, de curiosidade; 4 – O encontro não se dá com um “conhecimento acabado”; 5 – Não é possível separar sentir de saber; e 6 – A empatia é um elemento fundamental da Educação. Todos esses apontamentos se tornaram mais urgentes com a pandemia, e os autores reconhecem sua importância nos dias de hoje, por outro lado, observam o crescimento do individualismo, do consumismo e dos sistemas avaliativos educacionais.

Cresce também a crença de que as novas tecnologias empregadas na educação de grandes empresas multinacionais possuem as soluções para todos os problemas das escolas. Os professores acrescentam que “não é só o futuro da escola que está em causa, é mesmo o futuro da nossa humanidade comum” (p. 51).

Depois dos movimentos, chegamos ao capítulo “Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola”. Ele foi escrito somente por Nóvoa, e ali reconhecemos algumas questões que o autor vem problematizando ao longo dos tempos, como a renovação do campo da Formação de Professores em resposta à construção de uma nova escola. Ele retoma a consolidação do modelo escolar vigente nos últimos 150 anos no Ocidente. Esse modelo já não nos atende, e devemos ficar atentos para não cair na ilusão da privatização e da individualização da Educação proposta pelas grandes empresas de tecnologias. Nóvoa cita como exemplo o programa “Teach for América”, no qual pessoas comuns ficam aptas a trabalhar como professores em escolas após um treinamento de 5 semanas.

Como solução, o professor volta à sua tese de que a universidade sozinha não dá conta da complexidade da formação inicial dos professores e nem a escola da formação continuada. É necessária a criação de um terceiro espaço, onde professores universitários e da educação básica se encontrem para compartilhar conhecimentos, a fim de promover a formação dos futuros professores e as suas próprias. Um espaço de relações horizontais e colaborativas entre todos os envolvidos.

¹ Ouvir em <https://www.youtube.com/watch?v=dOfOqEkymWY>

² Ver em <https://www.navedoconhecimento.rio/#inicio>

³ Ver em <https://www.youtube.com/watch?v=HlJSXSm6v9M>

Para a formação inicial o autor aposta em um modelo inspirado na formação dos médicos nas graduações, no qual desde o início o futuro médico convive com colegas da profissão – os professores seriam médicos atuantes e as discussões surgiriam dos estágios nos hospitais. Para esses debates, ele diz que a universidade deve garantir uma casa comum de formação. Nóvoa (2009) afirmou que devemos devolver a formação dos professores para os professores, e citou como exemplo o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Outro ponto que o autor vem discutindo é o fim da graduação e a entrada dos professores recém-formados nas escolas – ele diz que esse período tem que ser bem cuidado, usa como referencial a pesquisa Huberman e chama nossa atenção para quanto os primeiros anos de docência são decisivos para definir as relações com o magistério.

A essa altura, Nóvoa apresenta um projeto no qual foi consultor, desenvolvido pela UFRJ desde 2017, o Complexo de Formação de Professores. O Complexo, organizado a partir da ideia de comunidade de prática de Niza (2015), Imbernon (2009) e Schon (2000), pode afirmar-se como uma espécie de Parque Educacional, unindo a UFRJ a uma rede de escolas municipais, estaduais e federais, desde que se assumam como “escolas formadoras”. Ele afirma que

o mais importante é a constituição de uma “casa comum”, na qual a formação esteja ligada com o trabalho pedagógico, a reflexão, a pesquisa, a escrita e a ação pública. Para que o Complexo tenha viabilidade é necessário celebrar um verdadeiro contrato de formação, desde logo, no interior da Universidade e, depois, com a “cidade”, com uma rede de escolas parceiras. (p. 72)

O capítulo intitulado “Três teses sobre o terceiro: para repensar a formação” é um ensaio no qual Nóvoa apresenta três dicotomias presentes nas discussões sobre políticas públicas para formação de professores. A primeira diz respeito à relação Universidade x Escola, ou seja, não se trata de uma das duas, mas das duas juntas em um terceiro lugar, em uma casa comum. A segunda dicotomia é ter que escolher entre conhecimentos pedagógicos e conhecimentos disciplinares, como se um excluísse o outro e eles não pudessem ser complementares. E por fim, a terceira dicotomia, vocação ou profissão, como se só gostar de criança bastasse para ser professor ou como se o profissionalismo fosse tão exacerbado que apagasse a dimensão pessoal do magistério.

Para o professor, repensar a formação inicial, a indução e a formação continuada para além dessas dicotomias deve garantir a visão de que

formar-se como professor é compreender a importância deste conhecimento terceiro, deste conhecimento profissional docente, que faz parte do patrimônio da profissão e que necessita de ser devidamente reconhecido, trabalhado, escrito e transmitido de geração em geração. (p. 84)

Reforçando a ideia que ele vem defendendo ao longo de sua trajetória como pesquisador, precisamos aproveitar os conhecimentos dos professores mais experientes para a formação inicial e a continuada. Sua luta nos remete ao projeto UniverCidade da Universidade de Évora em Portugal. Folque (2018) relata em um artigo um pouco dessa experiência formativa na universidade:

para nós, na U.E., a inscrição deste projeto ajuda a definir as direções para o horizonte que elegemos, sem perder o norte, a regular os processos da formação, e a avaliarmos, com base na escuta dos estudantes, dos educadores cooperantes, dos colegas acadêmicos, e dos investigadores com quem temos dialogado, aprofundando o caminho da formação de profissionais, que toquem a essência do humano, da cultura e da democracia. (p. 53)

O último capítulo é chamado de “Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores”. Também é um ensaio, no qual o autor se permite escrever livremente sobre a profissão docente a partir de seus 40 anos dedicados a pesquisar o tema. E ele assim o faz porque não queria escrever de acordo com os rígidos modelos de revistas científicas. Com um modo mais despojado de escrita, Nóvoa pretendeu fazer uma crítica a um modelo acadêmico empreendedor e ultraproductivo em número de publicações.

Ele então se concentra no período de indução, que seria de 3 a 4 anos, e nos silêncios encontrados pelos recentes professores: o silêncio das universidades em não os acompanhar, o silêncio das políticas públicas e o silêncio dos professores mais experientes.

A indução profissional acontece depois da “formação inicial” e deve ser concebida como um primeiro momento da “formação continuada”. Nesse sentido, a responsabilidade maior deve pertencer aos

próprios professores da educação básica. Não se nega a importância do papel dos professores universitários que têm contribuído importante a dar às residências. Não se nega, também, o papel das secretarias de educação enquanto entidades públicas responsáveis pelas escolas e pelos professores. Mas o papel central deve ser dos próprios profissionais, dos professores mais experientes. (p. 64)

Para isso, o autor faz uma síntese, e parte do fato de que a formação não pode ser só pragmática, deve ter o suporte teórico e, portanto, deve ser uma formação profissional, que reconheça todas as fases da vida profissional do professor, desde o primeiro dia da graduação até o último dia de trabalho.

Como podemos depreender, Nóvoa e Alvim apresentam um livro que não só pode ser trabalhado em diversas perspectivas formativas, seja na formação inicial ou na formação continuada, como também pode ser utilizado para o movimento de professoras e professores com vistas a construir argumentos para engajar diversos setores sociais e a comunidade escolar na transformação da escola para ampliar as capacidades de seus participantes bem como atender às necessidades crescentes de construção de uma sociedade democrática, igualitária e justa, como sempre almejou o mestre Paulo Freire.

Sigamos juntos!!!

Referências

- Berardo, R. (2019). Projeto cria regras para educação domiciliar no Brasil. *Agência Câmara de Notícias*. <https://www.camara.leg.br/noticias/556888-projeto-cria-regras-para-educacao-domiciliar-no-brasil/>
- Folque, M. A. (2018, janeiro a junho). A formação de educadores/as de infância: da exigência e complexidade da profissão ao projeto de formação na UniverCidade de Évora. *Poiésis – Revista do Programa de Pós-graduação em Educação*, Unisul, 12(21), p. 32-56.
- Imberón, F. (2009). *Formação permanente do professorado: novas tendências*. Cortez.
- Niza, S. (2015). Contextos cooperativos e aprendizagem profissional. A formação no Movimento da Escola Moderna. Em A. Nóvoa, J. R. do Ó, & F. Marcelino (Orgs.), *Escritos sobre educação*. Tinta-da-China.
- Nóvoa, A. (2009). *Professores: Imagens do futuro presente*. Educa.
- Nóvoa, A., & Alvim, Y. (Col.). (2022). *Escolas e Professores proteger, transformar, valorizar*. SEC/IAT.
- OMS considera coronavírus “maior crise sanitária mundial da nossa época”. (2020, 16 de dezembro). *Correio do Povo*. <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/oms-considera-coronav%C3%ADrus-maior-crise-sanit%C3%A1ria-mundial-da-nossa-%C3%A9poca-1.405689>
- Rachid, L. (2022, 16 de maio). BNCC é um desastre para a educação brasileira, critica Silvio Gallo. *Revista Educação*, 285. <https://revistaeducacao.com.br/2022/05/16/silvio-gallo-bncc/>
- Ribeiro, R. (2016, 21 de novembro). Francesco Tonucci: A criança como paradigma de uma cidade para todos. *Educação e Movimento*. <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/francesco-tonucci-a-crianca-como-paradigma-de-uma-cidade-para-todos/>
- Schon, D. A. (2000). *Educando o profissional reflexivo: Um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Artmed.